

Coleção Brasil Moço: o patrimônio do Brasil nas críticas dos jornais

Marina Pereira da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho busca investigar as estratégias utilizadas no mercado editorial para a captação de novos leitores. Para isso, pretende-se investigar a Coleção Brasil Moço (Literatura Viva Comentada), publicada pela Livraria Editora José Olympio entre os anos de 1971 a 1974. Fruto de uma parceria entre a casa editorial e o órgão governamental Instituto Nacional do Livro (INL), a coleção foi amplamente propagada nas escolas do país, mas ainda tinha o interesse de conquistar novos leitores. Para isso, utilizou-se da divulgação da coleção em cadernos de jornais especializados e suplementos literários para o aumento do seu público leitor.

Palavras-chave: Mercado editorial; literatura; crítica literária; coleção; José Olympio.

ABSTRACT

The present work seeks to investigate the strategies used in the publishing market to attract new readers. For this, we intend to investigate the Brasil Moço collection (Literatura Viva Comentada), published by Livraria Editora José Olympio between 1971 and 1974. Fruit of a partnership between the publishing house and the government agency Instituto Nacional do Livro (INL), the collection was widely propagated in schools across the country, but it was still interested in winning over new readers. For this, we used the dissemination of the collection in specialized newspapers and literary supplements to increase its readership.

KEY WORDS

Publishing market; literature; book review; collection; José Olympio.

¹ Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), doutoranda em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). **e-mail** marina.ps@usp.br. Número do orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5748-374X>.



Introdução

Nos meandros da crítica literária presente nos jornais e revistas especializadas na primeira metade do século XX, destacavam-se os livros que atendiam as expectativas dos críticos e eram recomendados à leitura, fazendo com que a editora responsável por aquele exemplar atingisse um maior público e, por consequência, um maior lucro. Todavia, com o passar dos anos, a publicação de textos críticos em jornais especializados ou em suplementos literários deixou de ter o impacto de outrora, mas, ainda assim, era um recurso utilizado pelos editores para destacar os livros que estavam no mercado.

Antonio Carlos Villaça em seu ensaio para o caderno literário do *Jornal do Brasil* em 1974 os vinte e cinco volumes lançados da Coleção Brasil Moço, cujo cada exemplar desta coleção são denominados Seleta em Prosa e Verso, pela Editora José Olympio:

Drummond já está em sua terceira edição. E dentro em pouco sairá a segunda edição das seletas de Cassiano Ricardo, Gilberto Freyre, Peregrino Junior e Ligia Fagundes Teles. Aí está a prova que o empreendimento deu certo. Trata-se já de um belo conjunto que honra a cultura do Brasil. Numa vintena de voluminhos, temos um quadro, uma condensação da melhor literatura contemporânea do país [...]. Fico alegre de ver tanto de nossos escritores agora ao alcance do povo em edições bem cuidadas, com notas educativas, prefácios esclarecedores, material de excelente qualidade. Baste verificar quem são os organizadores das Seletas. Nomes que representam verdadeiras autoridades nos respectivos assuntos. [...] As seletas são o patrimônio do Brasil. (*Jornal do Brasil*, 16 de setembro de 1974. Fonte: Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional)

O tom propagandístico no decorrer do ensaio empenha-se em demonstrar ao leitor os melhores atributos de cada livro lançado na Coleção Brasil Moço (Literatura Viva Comentada), dirigida por Paulo Rónai e publicada pela editora José Olympio. O esforço em apresentar a coleção ressalta que a “melhor literatura do país” estava a partir dessa iniciativa “agora ao alcance do povo”. O fato de ser uma coleção voltada ao público estudantil garantiria que, mesmo aqueles que não estivessem em formação, poderiam aprender e desfrutar de cada volume da coleção, pois o livro foi elaborado por “nomes que representam verdadeiras autoridades nos respectivos assuntos” disponíveis “numa vintena de voluminhos”, que traziam consigo um material de excelente qualidade.



A Coleção Brasil Moço (Literatura Viva Comentada) foi um projeto editorial da Casa José Olympio em parceria com o Instituto Nacional do Livro (INL). Dirigida por Paulo Rónai, foi iniciada em 1971 com a publicação de uma seleta de Carlos Drummond de Andrade, organizada por Gilberto Mendonça Teles. Segundo seu diretor, foi concebida para publicar uma coleção didática, com o objetivo de aproximar os jovens da literatura contemporânea. Aos autores selecionados por Rónai eram designados organizadores reconhecidos como “verdadeiras autoridades nos respectivos assuntos”, responsáveis por elaborar as notas explicativas, o perfil do autor comentado, bibliografia auxiliar, estudo crítico e sugestão de pesquisas necessárias “para que o leitor entrasse em contato com o universo do escritor em questão” (PEREIRA, 2008, p. 314).

Paulo Rónai advertia em cada contracapa dos volumes pertencentes à coleção a necessidade da minuciosa curadoria realizada:

A literatura brasileira de nossos dias já alcançou nível e famas internacionais. Expressão fiel do Brasil em suas inúmeras facetas, mas também da inquietação do homem moderno em face de um mundo que se transforma com vertiginosa rapidez, ela é, no entanto, insuficientemente conhecida, quando não ignorada pelos nossos jovens. O objetivo dessa coleção é por fim no divórcio entre as nossas letras modernas e os leitores jovens – por isso chama-se ela Coleção Brasil Moço (Literatura Viva Comentada). Cada volume é consagrado à obra de um escritor importante, apresentada, através de todos os gêneros que ele praticou, em amostras expressivas, de sentido completo e alto nível estético, escolhidas de modo a transmitirem, a seu conjunto uma mensagem e uma visão pessoal do mundo. Pedimos a professores de literatura e a críticos literários que facilitassem o acesso às obras assim exemplificadas, traçando perfis dos escritores, comentando os trechos selecionados, elucidando as dificuldades, sugerindo pesquisas, fornecendo bibliografias resumidas. Esses volumes são, portanto, concebidos como verdadeiras iniciações, que hão de inspirar o desejo de conhecer em sua totalidade a obra dos escritores apresentados. Na escolha dos trechos, os apresentadores levaram naturalmente em consideração o aspecto didático. Diga-se logo, porém, que didática para nós, não quer dizer rotina monótona, nem repetição de conceitos bolorentos, e sim o estabelecimento de um contato palpitante e fecundo. (RÓNAI *apud* ANDRADE, 1971).

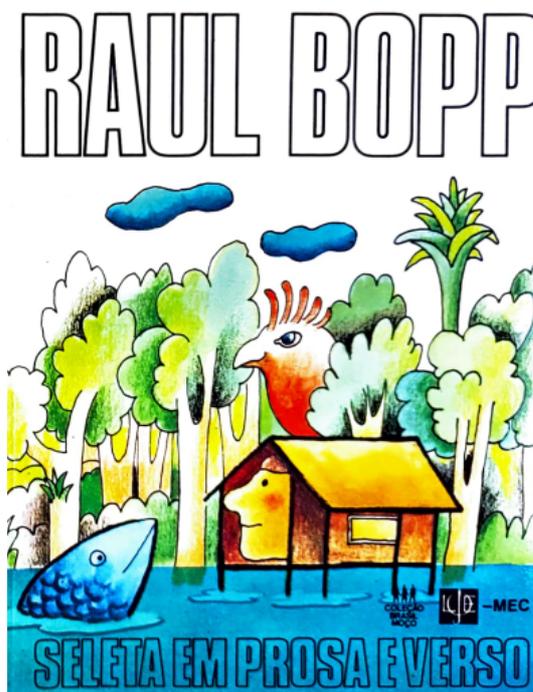
O atestado de Rónai manifesta o interesse em demarcar, em um mundo moderno e de constante transformação, a literatura de um tempo e resguardar a importância dessa literatura, em especial, nas memórias dos mais jovens. Uma das medidas para captar o interesse dos jovens (e novos) leitores, findando o “divórcio entre as nossas letras modernas e



os leitores jovens”, é desvelada no subtítulo “Literatura Viva Comentada”, referenciando a coleção precedente de literatura brasileira, publicada em 1957 pela editora Agir. Coordenada por Alceu Amoroso Lima, a coleção contava com títulos de autores clássicos nacionais falecidos, apresentados de modo rígido por meio de “conceitos bolorentos”. Apostavam então que a publicação de uma seleta de autores de ativa produção literária e que participavam no processo editorial da coleção poderia influenciar na relação do jovem com a leitura.

Os vinte e cinco livros publicados contavam com uma estética que buscava aproximar os leitores mais jovens. As capas ilustradas pelo italiano Gian Calvi era alterada a cada volume em referência a algum texto consagrado do autor selecionado – em grandes letras na parte superior, lê-se o nome do autor e o tipo de texto que se encontra no livro: seleta ou seleta em prosa e verso. No tocante à escolha dos autores, integraram a coleção os escritores do próprio catálogo da editora José Olympio.

Figura 1 – Capa do livro Seleta em Prosa e Verso Raul Bopp, pertencente à Coleção Brasil Moço



Fonte: Arquivo-Museu de Literatura Brasileira - Fundação Casa de Rui Barbosa.

Figura 2 – Figura 1 – Capa do livro Seleta Orígenes Lessa, pertencente à Coleção Brasil Moço





Fonte: Arquivo-Museu de Literatura Brasileira - Fundação Casa de Rui Barbosa.

Em que pese a escolha dos autores, integraram a coleção escritores pertencentes ao catálogo da editora José Olympio. A parceria com o INL garantiu a circulação destes livros nas escolas brasileiras, sendo recomendado como material didático pelas Secretarias de Educação pelo país e, com isso, a ampliação de um público leitor jovem por todo o território nacional, assim como o reconhecimento dos autores e a possibilidade de conquistar novos leitores até então alheios a produção literária daqueles escritores.

A última sentença de Rónai, exposta na contracapa dos livros, explicita que o lançamento desta coleção ansiava que as publicações “venham a formar, dentro de um prazo relativamente curto, uma verdadeira antologia da literatura brasileira dos nossos dias”. Ou seja, simultaneamente espreitou-se a formação de uma antologia literária composta pelos autores que já pertenciam ao catálogo da própria editora e também permitiu a manutenção das relações do editor com figuras proeminentes dos órgãos governamentais. A exemplo tem-se a publicação da seleta do primeiro presidente e idealizador do INL, Augusto Meyer e do diretor subsequente do mesmo departamento, Herberto Sales.

262



As coleções

As pesquisas de Isabelle Olivero (1999), embasadas na perspectiva da historiografia francesa do livro e das edições, revelam um capítulo específico na história dos impressos: o estudo das coleções. A publicação de coleções por uma editora na França tem origem na necessidade de ampliação de mercado, tanto cooptando novos leitores que não possuem o hábito de leitura, quanto apresentando novos gêneros literários por meio de um formato diferente.

A intensa concorrência no mercado editorial francês foi o responsável pela corrida em busca de leitores. A oferta de compilações de textos de gêneros semelhantes de diversos autores, ou a reunião dos textos de um mesmo autor em um único livro publicado em coleções, mostrou-se uma tática efetiva para as finalidades impostas, que utilizava recursos gráficos diferenciados, de acordo com o público-alvo correspondente, na captação desses leitores. A coleção apresenta um produto que já está em circulação no mercado de modo renovado, atraindo novos consumidores para essa mercadoria. A adaptação editorial da obra permite aos leitores, que não tiveram acesso ao original de determinado texto, o alcance ao seu conteúdo.

Para Maria Rita de Almeida Toledo (2020), o estudo de coleções desenvolvido por Olivero apresenta um modelo de análise generalizável para além do caso francês, o qual possibilita o exame das práticas desenvolvidas pelos editores para atingir seu público em potencial. No Brasil, os aparecimentos das coleções ocorreram juntamente com o crescimento de livrarias e casas editoriais em meados das décadas de 1920 e 1930², período em que o mercado do livro começou a ser visto como um “bom negócio”. De acordo com Hallewell (2017), nesse período, o consumo de livros no Brasil era restrito a livros importados e de autores estrangeiros, isso porque o alto custo na produção de um livro, que demandava materiais importados, inibia os próprios autores de investir capital em suas produções, tendo em vista que a venda dos livros era restrita ao exíguo público leitor.

² A autora reitera que não há estudos suficientes que permita afirmar o início das coleções, utilizando-se como base para esse recorte temporal o detalhado levantamento de “A edição de livros no Estado de São Paulo e na cidade do Rio de Janeiro, 1920-1978”, em Laurence Hallewell (1985).



O cenário do livro nacional começa a ser modificado a partir de 1930 com o surgimento de novos autores, títulos, gêneros literários e editoras nacionais, sendo um período profícuo para a ampliação e difusão do livro no Brasil. Um dos fatores responsáveis para essa mudança é a política nacional-desenvolvimentista proposta por Getúlio Vargas, que dentre suas diversas ações reformulou o Ministério da Educação e Saúde Pública e, dentre as tarefas exercidas em seu ministério, destaca-se a difusão de planos pedagógicos como o Instituto Nacional do Livro, responsável por difundir o livro e a leitura no território nacional por meio da criação de bibliotecas, da edição e publicação de livros e distribuição em todas as regiões do país.

No contexto de forte expansão do mercado editorial brasileiro, intensifica-se a publicação de livros permitindo às editoras ordenar os leitores e suas leituras por meio de alguns dispositivos como a elaboração de coleções; mudança dos formatos dos livros e da especialização temática da editora, dessa forma a difusão da indústria prospecta o público leitor e enquadra os textos a atender essa demanda. Segundo Toledo, as editoras, nesse movimento, “tomam para si o direito de saber, ou de entender melhor o gosto do público e de suas necessidades, encomendando aos autores produtos definidos ou enquadrando-os em coleções definidoras do perfil do leitor” (TOLEDO, 2020, p.21). Diferentemente da França, que desenvolve esse mecanismo para alcançar novos públicos devido à intensa concorrência editorial, no Brasil, a estratégia precede e molda seu público.

À guisa do conceito de estratégia defendida por Michel de Certeau (1982), Toledo compreende as coleções como um produto de dupla inserção em um lugar de poder:

de um lado, a de um interesse econômico de uma casa de edição, marcada por uma lógica que visa a ampliação do mercado editorial; de outro, a de uma política cultural que deposita no livro uma missão, variável segundo os objetivos que lhe são atribuídos por seus promotores, em situações históricas específicas. No primeiro caso, trata-se de ampliar o mercado editorial, qualquer que seja o seu tamanho e sua vitalidade, atingindo novos leitores; leitores virtuais ainda não capturados pelo mercado, ou leitores já cativos, conquistando-os para a leitura de gêneros novos que ainda não têm entrada junto a ele. No segundo caso, trata-se de adequar a mercadoria livro a um objetivo cultural específico, propondo-o à leitura de públicos específicos. (TOLEDO, 2020, p.319)



Ao se considerar coleções voltadas ao setor didático, como a Coleção Brasil Moço, nota-se que elas imputam às editoras um espaço de vantagens. A ampliação de seus leitores por crianças em idade escolar e um possível público variável apreciadores da temática, proporcionam seu crescimento econômico, ainda mais se tratando de uma coleção realizada em parceria com o órgão regulador de materiais didáticos.

Um dos dispositivos contidos na estratégia da coleção é a relativa supressão das características que o autor imprime à sua obra como o processo criativo, ordem da escrita, linearidade e amadurecimento dos textos produzidos em determinados períodos. Ainda que um livro impresso desde a invenção da prensa é reproduzido em diversas unidades, ausentando assim o conceito de aqui e agora, conforme apontado por Walter Benjamin (1985), a desconfiguração dos textos de um autor rouba-lhe a autenticidade de uma obra, que já sofreu interferências de um editor e desvela as forças produtivas entrelaçadas na produção do livro, escancarando seus diversos agentes e a vontade predominante do mercado, que dita tanto ao autor quanto ao seu público qual caminho deve ser traçado. Assim como postula Mckenzie “versões bem diferentes de um trabalho que não esteja totalmente morto, sejam elas geradas ou não por seu autor, vão ser criadas por seus sucessivos editores, por gerações de leitores ou por novos escritores” (MCKENZIE, 2018, p. 57).

As coleções de José Olympio

Nesse cenário efervescente para o livro nacional, o iniciante livreiro-editor paulista José Olympio inaugura sua editora na tradicional Rua do Ouvidor no Rio de Janeiro ao fugir da escassez de oportunidades da derrotada São Paulo de 1930. Com um acervo formado pela biblioteca recém adquirida do bibliófilo Alfredo Pujol, a experiência comercial adquirida nos anos de prestação de serviços na tradicional Livraria Garraux e os diversos contatos oriundos das esferas literárias paulistanas³, nas quais se encontravam intelectuais e políticos de forte influência no governo getulista.

³ Nos moldes da compreensão de Jürgen Habermas, como “uma esfera pública caracterizada pelo debate crítico e
265



No Rio de Janeiro, José Olympio teve como aliado o escritor sergipano Amando Fontes, que era também advogado e alto funcionário da Receita Federal. Os contatos de Fontes foram fundamentais nos anos iniciais da Livraria na capital, aproximando o editor de Jorge Amado, Rachel de Queiroz e José Lins do Rego. Este último foi o grande atrativo na inauguração da loja em julho de 1934, em que autografou seus livros no cerimonial de abertura da livraria, atraindo diversos leitores e aspirantes a escritores. Em pouco tempo José Olympio ficou conhecido como editor dos novos, ou seja, da literatura moderna brasileira.

Assim que iniciou suas atividades, a “Casa”, apelido da Livraria José Olympio, tornou-se um animado ponto de encontro, que cresceu na mesma proporção da ampliação de seu catálogo. Além da publicação literária engendrada com José Lins do Rego, Olympio encontrou outro filão na publicação de obras políticas, de grupos comunistas, integralistas e corporativistas-varguistas, que buscavam espaços para publicação de textos doutrinários. O catálogo da editora, neste período, dividiu-se em literatura e política contemporânea, e posteriormente algumas subdivisões foram criadas como estratégia comercial, como romances da Bahia (livros de Jorge Amado) e ciclo da cana de açúcar (livros de José Lins do Rego) os quais atraíram o mercado editorial estrangeiro, interessados nas unidades estilísticas e nas representações simbólicas de uma autêntica literatura brasileira.

O romance nordestino ganhou um amplo e cativo espaço no catálogo da José Olympio, dando aos seus autores a alcunha de romancistas do Nordeste e é neste espaço de reconhecimento que o catálogo recebe outra inovação: a coleção Documentos brasileiros, sob a organização do sociólogo Gilberto Freyre. Ao criar uma coleção de ensaios críticos sobre o Brasil, Olympio contribuía “para a afirmação da noção de nordeste e sua legitimação como lócus simbólico dos produtos escritos que condensaria essências do caráter nacional” (Sorá, 2010, p.192). A coleção Documentos Brasileiros torna-se então uma estratégia editorial de espelhar a política da editora, em cujo catálogo predominava temas e autores brasileiros.

A incursão da editora José Olympio no universo das coleções não se restringe as experiências relatadas na Coleção Brasil Moço e Documentos Brasileiros. A primeira coleção

lúcido, sendo a leitura a força motriz por trás desse processo” (Darnton, 2012, p. 123).

266



da editora dedicou-se a clássica literatura oriental raramente ou nunca editado no país, a Coleção Rubáiyat teve como característica seus vários formatos e cores, capas ilustradas dentro de uma moldura em arabescos e exemplares especiais, encadernados, com letras douradas, sendo o livro mais conhecido dessa coleção, a tradução de Otávio Tarquínio de Sousa do livro homônimo a coleção de autoria de Omar Kháyyám.

Em decorrência do sucesso da coleção, novos títulos, e dessa vez da literatura ocidental, foram adicionados como *Pequenos poemas em prosa*, de Baudelaire com tradução de Aurélio Buarque de Holanda e *Macbeth*, de Shakespeare traduzido por Manuel Bandeira e ainda uma reunião de *Poemas traduzidos*, de Manuel Bandeira com recriações de obras-primas da lírica mundial.

A literatura russa conquistou espaço especial nas coleções publicadas pela José Olympio com as obras de Dostoiévski em volumes encadernados, com tradução de autores como Rachel de Queiróz, José Geraldo Vieira, Lêdo Ivo, Boris Schnaiderman e ilustrações de Osvaldo Goeldi, Axel de Leskoschek e Marcello Grassmann.

No campo da historiografia nacional, destacam-se a História dos fundadores do império no Brasil, de Octavio Tarquínio de Sousa e História do Brasil, Pedro Calmon. Na área didática tem-se a coleção Pequena enciclopédia de conhecimentos gerais e A ciência e a vida, com tradução de Almir de Andrade. Já na área da literatura destaca-se a coleção História da Literatura Brasileira, de Silvo Romero e a coleção Sagarana, reunião de centenas de clássicos da literatura brasileira, com formato característico, com iconografias sobre cada obra e autor.

Para o biógrafo da editora José Olympio, “não há brasileiro letrado, em determinadas gerações, que não tenha tomado contato, pelos títulos da coleção Sagarana, com alguma importante obra da literatura nacional” (PEREIRA, 2008, p.314). A Coleção Brasil Moço intenta resgatar o mesmo perfil alcançado pela coleção de literatura Sagarana, porém por meio da formação de um público jovem.

Cabe ressaltar que a Livraria José Olympio era somente uma das editoras nacionais a publicar seus livros e formato de coleções. Tratava-se de uma prática, conforme já visto, muito comum nas editoras do país, que com o crescimento da indústria utilizavam essa ferramenta



para o aumento de seu público leitor. Segundo Pereira (2008, p.315), pode-se afirmar “a primazia da José Olympio no campo das coleções, ao lado de algumas iniciativas semelhantes em editoras como a Melhoramentos, de São Paulo e a Globo, de Porto Alegre”.

As coleções também eram uma maneira de apoiar financeiramente seus principais escritores aqueles que faziam parte do círculo de amizade do editor e, principalmente os que possuíam identidade com o catálogo da editora. A estes eram ofertadas oportunidades de traduções e reedições de obras já publicadas por meio de coleções, conforme relata Raquel de Queirós: “[...] se você estava num momento difícil da sua vida, ele arranjava uma tradução para você fazer, ele inventava ou reeditava um livro seu que estava esquecido, para te dar dinheiro antes” (Raquel de Queirós *apud* SORÁ, 2010, p. 262).

O catálogo e a crítica como artifícios editoriais

A elaboração de um catálogo para uma casa editorial é de suma importância para a definição das publicações de uma editora, assim como para o público leitor compreender com mais facilidade quais livros aguardar de determinada editora. O catálogo possui a importante função de captar o leitor para o universo de possibilidades de novos livros de temáticas semelhantes ou do mesmo autor. Como estratégia de difusão e divulgação de seus livros, a Livraria José Olympio inseria na quarta capa dos livros o catálogo anunciando as próximas publicações a serem lançadas e os demais livros a venda pela Casa.

Os catálogos não ficam restritos a indicações de leitura, por vezes trazem anúncios de lançamentos imperdíveis, garantem a tradução de obras raras, sugerem zelo e refinamento quanto ao acabamento das edições (SILVA, 2010). No entendimento que as corretas estratégias editoriais permitem potencializar esse espaço para aumentar seu público leitor, não é de se estranhar que José Olympio invista em sua plena utilização. Outra forma de se apresentar os catálogos ocorria por meio da personalização de acordo com seu público-alvo, como no caso da coleção Menina-moça, publicada em 1946:

LEITORA: Já sabemos que V. se tornou, decididamente, uma “fan” do nosso extraordinário Sir Jerry. E não é para menos, pois nós também o admiramos muitíssimo. Admiração que cresceu mais ainda depois que lemos esta outra aventura do simpático detetive; O INEVITAVEL SIR JERRY. Desta vez o nosso herói sai-se maravilhosamente de um caso complicadíssimo, de que

268



fazem parte um velho avaro, sua filha Mariquita e o genro. Sir Jerry é encarregado de descobrir uma criança raptada, e é aí então que começa toda a trama que a empolgará do começo ao fim. E é claro que os auxiliares de Sir Jerry – Jerry Júnior e Mérouti – aí estão, firmes e decididos, ajudados agora pelo pequeno Pépin, já nosso conhecido em SIR JERRY DETETIVE, lembra-se? Pois é com a colaboração dessa “gentinha” que Sir Jerry vem a descobrir um dos maiores casos da sua brilhante carreira de detetive amador. Não deixe, pois, de ler a movimentadíssima história desta série, O INEVITAVEL SIR JERRY, que tem o nº 10 da sua já indispensável Coleção.⁴

Conforme observado acima, o editor utiliza de uma linguagem informal, muito próxima à obra, para convidar e provocar as leitoras da coleção a continuar a se interessar pela leitura. Todavia, na continuidade da propaganda:

OS ROMANCES DA JUVENTUDE FEMININA COLEÇÃO MENINA E MOÇA As mais lindas histórias para a mais difícil quadra da vida feminina. Pequenos romances de 200 páginas por todos os títulos dignos de estar em todas as mãos: 1- por seu fundo moral indiscutível; 2-seu excelente acabamento gráfico; 3- suas qualidades literárias; 4- suas traduções vivas e corretas [...]. Cada volume em brochura: 12,00. Em bela encadernação: 24,00.⁵

O catálogo não se dirige somente às potenciais leitoras, mas também aos seus responsáveis, como forma de apresentar os verdadeiros motivos essenciais para a aquisição do livro:

Sim, para evitar-lhe futuros dissabores sérios, procure orientar a leitura de sua filha com romances que a encantem, mas que sejam de absoluta confiança. Romances que contribuam para aprimorar-lhe o caráter, que o ajudem decisivamente na formação moral sadia de sua filha, romances que o auxiliarão a fazer do lindo “entre-aberto botão, entre-fechada rosa”, uma leitora de bom-gosto e uma mãe de família firmemente orientada.⁶

Chartier (1996) ressalta que os autores, os editores e o texto escrito impõem uma determinada forma de se ler, o que pode ser explicitado pelo escritor, ou orientado pela materialidade do impresso. Esse mecanismo asseguraria o uso adequado do texto, além de esboçar o tipo de leitor ideal a ser capturado.

⁴ FBN. Manuscritos. Catálogo da Livraria José Olympio Editora, 1946, p.41.

⁵ *Idem.*

⁶ FBN. Manuscritos. Catálogo da Livraria José Olympio Editora, 1949, p. 168-169.



Nesse sentido, para o sucesso de sua empresa, o editor explora subterfúgios para captar seus novos leitores e encontra nas críticas especializadas de literatura o espaço adequado para divulgar suas obras, que serão avaliadas entre especialistas. Sorá aponta que “no sistema de produção, edição, propaganda, circulação e apreensão de ideias escritas, a crítica era o crivo determinante” (SORÁ, 2010, p.110).

Em meados dos anos de 1920, durante a ascensão do mercado editorial no Brasil, a tarefa dos críticos não se resumia à escrita de resenhas em jornais especializados, para a acumulação de poder. Esse especialista literário distinguia-se por meio da fundação ou direção de revistas literárias e até mesmo, diante da escassez de editoras dispostas a correr riscos apostando em novos autores, abriam suas próprias livrarias-editoras, mesmo sendo eles as autoridades críticas dessa área.

A prática da crítica literária em jornais percorreu trajetórias diferentes com o passar dos anos deixando de ser o crivo dominante, porém, não perdeu sua característica como um espaço opinativo de um crítico, que auxilia leitores a encontrar livros por meio de suas resenhas. A livraria José Olympio explora os recursos midiáticos do jornal de distintas formas para a divulgação de seu acervo tanto nas propagandas quanto nas resenhas disponíveis nos suplementos literários, conforme será explorado adiante.

A lógica da existência dos suplementos literários em jornais e revistas mostra-se de grande importância para a compreensão de sua função:

Complemento é parte de um todo, o todo está incompleto se falta o complemento. Suplemento é algo que se acrescenta a um todo. Portanto, sem o suplemento o todo continua completo. Ele apenas ficou privado de algo a mais. A literatura (contos, poemas, ensaio, crítica) passou a ser esse algo a mais que fortalece semanalmente os jornais, através de matérias de peso, imaginosas, opinativas, críticas, tentando, motivar o leitor apressado dos dias da semana a preencher o lazer do weekend de maneira inteligente. (SANTIAGO, 1993, p. 12)

As matérias literárias suplementares restringem-se a um público específico, mesmo com a alteração ocorrida com o passar do tempo em que os críticos literários eram intelectuais sem formação acadêmica na área, que mantinham um diálogo frutífero com seu



público, considerados formadores de opinião, responsáveis pelo sucesso ou fracasso de obras, autores e editoras. Antonio Candido, em entrevista à revista *Veja* analisa os trajetos dessa produção "No Brasil, até trinta anos atrás, a crítica se fazia em artigos de cinco a dez páginas nos rodapés dos jornais, semanalmente. Escritos por pessoas intelectualmente sérias, produziam uma visão empenhada, que ao mesmo tempo informava e formava o leitor. Isso acabou." (CANDIDO *apud* SANTIAGO, 1993, p.14).

O fim decretado por Candido ocorre com a alta especialização de jornais, que separam o suplemento do todo e divide os leitores em 'leitores do jornal' e 'leitores do suplemento literário'. Outro espaço destinado à crítica literária são as colunas de variedades, em que a literatura concorre com diversas expressões artísticas e eram escritas por jornalistas especializados com colunas fixas no periódico (SANTIAGO, 1993). São nesses espaços que na década de 1970, após o lançamento da Coleção Brasil Moço, a Editora José Olympio irá amplificar sua divulgação nos diversos jornais nas seções destinadas à literatura.

Antes da avaliação de Villaça no início desse trabalho, que realizou a análise dos 18 volumes da coleção elencando os melhores volumes em sua opinião, o jornalista Valdemar Cavalcanti registrou na coluna Jornal Literário (coluna literária do periódico *O Jornal*), dividindo espaço com notícias da Jovem Guarda e do horóscopo do dia, sua análise da recém-empireitada da editora José Olympio em publicar sua nova coleção dedicada a oferta de grandes nomes da literatura nacional aos jovens inaugurando-a com Drummond:

Enorme é o interesse que desperta nos cursos de literatura brasileira e de língua portuguesa, a poesia de Carlos Drummond de Andrade [...]. Membro de comissões julgadoras de concursos literários, tenho verificado que os jovens demonstram particular atenção pelo espólio que o grande poeta formou, ao longo de sua carreira. Não é de admirar por isso que, na hora de programar, para a editora José Olympio, uma série de antologia e autores representativos da literatura brasileira contemporânea – a Coleção Brasil Moço (Literatura Viva Comentada), o professor Paulo Rónai haja escolhido o volume indicado a Drummond. E foi bom que o preparo do volume tivesse sido entregue ao escritor Gilberto Mendonça Teles, grande conhecedor da poética drummondiana [...]. A Seleta em Prosa e Verso têm, de entrada, uma nota-prefácio de Paulo Rónai, a bibliografia de/sobre CDA; um poema inédito, em fac-símile, de CDA; um poemamensagem de Abgar Renault; e um breve estudo introdutório do antologista. Dos livros de CDA foram retirados, como peças representativas, crônicas e contos, elem de poemas. Gilberto Mendonça Teles fez as anotações dos textos e pôs no fim um ensaio sobre a linguagem criadora



de CDA e algumas indicações para orientação de pesquisas. (*O Jornal*, 13 de julho de 1971. Fonte: Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional)

Os ensaios críticos apresentam um caráter propagandístico, em que são destacados elementos específicos do livro referendados pelo próprio jornalista. A partir de sua ‘experiência em membros de concursos literários’, ou seja, sua autoridade aprova a iniciativa da editora ao enxergar a necessidade da introdução dos jovens nesse ambiente de literatura nacional por meio da coleção nos moldes propostos por Rónai. Sem distinguir do catálogo, como forma de impor ao leitor as formas de sua leitura, o jornalista elenca os componentes do livro para justificar como essa leitura pode desenvolver as capacidades dos leitores juvenis:

Uma antologia desta natureza, excelente como instrumento didático, há de estimular a curiosidade de estudantes, professores e leitores comuns pela obra integral (até agora realizada) de Carlos Drummond de Andrade. Pelo contista (Contos de aprendiz), pelo cronista (Fala, Amendoeira, etc.), pelo ensaísta (Confissões de Minas, etc.), pelo poeta (Reunião). (*O Jornal*, 13 de julho de 1971. Fonte: Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional)

Nesta última parte, é justificado ao leitor do jornal, que pode ser os responsáveis por um adolescente em idade escolar, sobre a importância que a aquisição do livro poderá ter na vida do jovem, assim como essa leitura pode propiciar ao leitor do caderno literário (professor e leitor comum) uma ampliação do conhecimento sobre a obra do autor. A coleção, ao oferecer a reunião da vasta carreira do escritor de modo selecionado e crítico, permite a ampliação dos leitores daqueles livros, por meio da crítica jornalística.

Outro modo de atrair um público de novos leitores utilizado pelo jornalismo literário é evocar outros autores. A coluna ‘Livros’ do periódico *O Jornal*, apresenta o volume dedicado à Menotti del Picchia do seguinte modo:

Prosseguindo no seu trabalho de levar aos estudantes de letras, em particular, e ao público em geral, seleções anotadas dos grandes nomes da literatura brasileira, lança a Editora José Olympio, em co-edição com o Instituto Nacional do Livro, mais uma Seleta na sua Coleção Brasil Moço: Menotti del Picchia – Seleta em Prosa e Verso, organizada, apresentada e anotada pelo Prof. Paulo Rónai, que é também quem dirige a coleção. Jorge Amado assim se expressa sobre Menotti del Picchia: “Quem não sabe neste imenso País um verso de Juca Mulato? Quem não se emocionou com seus poemas, romances, contos e crônicas? Ainda mais que a consagração da

272



crítica e que o reconhecimento dos seus confrades, sua glória é esse calor popular, esse amor do povo que cerca sua poesia e sua figura.” Volume de 172 páginas. Capa de Gian Calvi. Cr\$ 11,00. (*O Jornal*, 26 de abril de 1974. Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional)

A estratégia editorial é refletida nas páginas dos jornais por meio de uma propaganda articulada com uma crítica, essa, porém, de autor desconhecido, visto que a coluna não é assinada.

Em 1975, o jornal *Diário de Pernambuco* dedicou duas páginas inteiras à reprodução em sua íntegra do texto introdutório da Seleta em Prosa e Verso de Ariano Suassuna, escrita por Silviano Santiago, responsável pela organização do volume. A página integrante do caderno literário constava os poemas que integravam no volume e a explicação da estrutura proposta por seu organizador.

Neste mesmo jornal, foi dedicado um espaço a poetisa Cecília Meirelles. Junto ao setor de Classificados, a tímida coluna ‘Letras da semana’ dedicou-se a apresentar o volume 13 da coleção, que fora organizado por Darcy Damasceno.

Através de criteriosa seleção de textos, notas explicativas e análise geral de sua extensa produção literária, a poesia de Cecília Meireles, apesar de seu caráter aristocrático e quase sempre tecido com o apoio de uma linguagem fluída, musical e até mística, abrirá com certeza caminho entre os jovens [...]. Assim como os demais volumes da Coleção Brasil Moço, dirigida pelo Prof. Paulo Rónai, também a Seleta em Prosa e Verso de Cecília Meireles atende às necessidades didáticas de estudantes e professores de literatura e português, oferecendo a ambos notícia biográfica da autora, antologia seguida de notas explicativas, bibliografia de e sobre o autor e, finalmente, apreciação geral e analítica da obra focalizada, seguida de orientação de pesquisa útil aos trabalhos escolares de compreensão e exegese. (*Diário de Pernambuco*, 29 de julho de 1973. Fonte: Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional)

O texto acompanha a explicação da coleção, conforme os demais jornais, aparentando um texto padronizado emitido pela editora e reproduzido pelos jornais.

Em 1973, Antonio Carlos Vilaça escreve um longo ensaio em que versa sobre sua relação muito próxima com Augusto Meyer, entrelaçado com passagens memoráveis da carreira de escritor, elenca seus principais textos e livros, assim como aponta as influências de nomes da literatura nacional na carreira de Meyer. Ainda assim, a menção ao volume

273



dedicado a Meyer, integrante da Coleção Brasil Moço, aparece brevemente abaixo do título “Uma rara flor da cultura: Augusto Meyer”, além dos dados de publicação em pequenas letras, consta o valor do livro.

Um ano depois a esse ensaio, Vilaça escreve seu texto percorrendo a trajetória da Coleção Brasil Moço, elencando seus favoritos, como:

A seleta de Freyre me parece especialmente fascinante. [...]

Uma literatura que tem autores como Rosa, Freyre, Clarice, Suassuna, Raquel de Queirós ou Cassiano, Drummond ou Marques Rebelo, é uma literatura viva. Não há motivos de melancolia. Nenhuma. Tudo aqui é razão de alegre esperança. (*Jornal do Brasil*, 16 de setembro de 1974. Fonte: Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional)

“As seletas são o patrimônio do Brasil”, finaliza o ensaio de Vilaça, que é acompanhada por uma coluna lateral em que constam todos os livros publicados pela José Olympio na Coleção como “O melhor da obra de 18 brasileiros”, todos os títulos aparecem com seus preços de venda ao lado, tal qual um catálogo.

Considerações finais

O presente artigo intentou apresentar as estratégias utilizadas pela editora José Olympio para sua ampliação de leitores, desvelando parcialmente o que está engendrado no mercado editorial e na publicação de coleções. Por meio da Coleção Brasil Moço é possível verificar os fios tecidos entre uma casa editorial, especializada em literatura nacional e sua estratégia em investir nesse formato de livro, que a favorecia duplamente: o lançamento de uma coleção didática, que a permite adentrar na grande fatia econômica do universo dos livros escolares, sem deixar sua essência e comprometimento com os autores nacionais, assim como a ampliação de um público seja pelo contrato com o governo ou com um público virtual, captado, dentre outras formas, pela utilização de cadernos literários nos jornais para amplificar sua propaganda.



As manobras editoriais para a conquista de um novo público moldam os leitores que serão alcançados pelas obras. Ao se considerar coleções voltadas ao setor didático, como a Coleção Brasil Moço, nota-se que elas imputam as editoras a um espaço de vantagem, pois essas serão comercializadas como livros obrigatórios em diversas instituições educacionais e terá sua mercantilização garantida. A ampliação de seus leitores por crianças em idade escolar e um público apreciador da temática, proporcionam seu crescimento econômico, ainda mais se tratando de uma coleção realizada em parceria com o órgão regulador de materiais didáticos.

Ainda que nas coleções as características do autor sejam suprimidas pelas escolhas realizadas pelo editor em vista do mercado, a estratégia editorial para Coleção Brasil Moço utilizou-se de jornais especializados e cadernos literários para evocar os autores escolhidos de cada seleta por meio de curiosidades e informações que levaram o escritor a ser considerado um importante nome da literatura nacional, sem deixar de elogiar as características didáticas do livro, ou seja, um grande autor que necessita de apoio de um especialista para ser lido e compreendido.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. Seleta em Prosa e verso; estudo e notas do Prof. Gilberto Mendonça Teles. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1971.

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas (5a ed.). São Paulo: Perspectiva, 2007.

CERTEAU, M.de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger (org.). Práticas da Leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. A mão do autor e a mente do editor. São Paulo: Unesp, 2014

DARNTON, Robert. O diabo na água benta. São Paulo: Cia. das Letras, 2012



GAMA, Monica. O processo de criação de um livro: o arquivo da Editora José Olympio. Revista Manuscrita. São Paulo, n. 31, 2016, p. 27-42. Disponível em: <<http://www.revistas.fflch.usp.br/manuscrita/article/view/2655/0>>. Acesso em 02 out. 2022.

HALLEWELL, Laurence; VILLALOBOS, Maria da Penha; OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. O livro no Brasil: (sua história). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

MCKENZIE, D. F. Bibliografia e a sociologia dos textos. Tradução Fernanda Veríssimo – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

MOLLIER, Jean-Yves. O dinheiro e as letras: história do capitalismo editorial. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

PEREIRA, José Mário. José Olympio: o editor e sua casa. Rio de Janeiro (RJ): Sextante, 2008.

SANTIAGO, Silviano. Crítica literária e jornal na pós-modernidade. Revista de Estudos de Literatura, (1). 1: 11-17. Belo Horizonte, 1993.

SILVA, Márcia Cabral da. A Coleção Menina e Moça: Entre o bom comportamento moral e a formação do gosto literário. Revista Currículo sem Fronteiras. 2010; v.10, n.2, p. 91-103.

SOARES, Lucila. Rua do Ouvidor, 110: Uma história da livraria José Olympio. 2ª ed – Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

SORÁ, Gustavo. Brazilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro – São Paulo: Com-Arte, 2010.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981) – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

VIEIRA, Luiz Renato. Consagrados e Malditos: Os Intelectuais e a Editora Civilização Brasileira. Thesarus: Brasília, 1998.

